



EDITORIAL

MÚSICA E SOCIEDADE

Em seu *Curso de estética*, Hegel ao descrever o papel desempenhado pela música no ocidente, demonstra que a substância sonora da música abandona a forma exterior e sua *visibilidade* intuitiva e que necessita, por isso, para a apreensão de suas produções, de um outro órgão subjetivo, o *ouvido* que, assim como a vista, não pertence aos sentidos práticos, mas aos sentidos teóricos e é ele mesmo ainda mais ideal do que a visão.

Desse ponto de vista, a música emerge no século XIX, a partir da filosofia hegeliana, como a arte *par excellence*. Não há dúvidas que os debates estético-formais oriundos da filosofia engendraram uma série de discussões sobre o papel das artes na formação “novo homem” na passagem para o século XX; que a música ocupou um espaço considerável nas discussões pelo fato de condensar na sua forma os ideais elaborados pelo romantismo e o idealismo alemão. Nada fortuita, por exemplo, é a grande quantidade de compositores sinfônicos, de músicos de orquestra alemães que naquele momento ganharam projeção dentro e fora do campo musical, estabelecendo novos parâmetros de composição, arranjos, concepção harmônica etc – alguns deles válidos até hoje.

Decorre que, segundo o argumento do filósofo dialético, assim como a antiguidade clássica está para escultura, a música estaria para a modernidade e à racionalização das experiências estéticas. Nesse sentido, falar de música, além de remeter-nos às experiências sonoras “não pertencentes ao sentido prático”, estaria também possibilitando compreender a música como elemento de representação do mundo, tal como sistematizará Max Weber em *Os fundamentos racionais e sociológicos da música*.

É partindo desse pressuposto – mas não se reduzindo a ele – é que este dossiê *Música e sociedade* procura abordar algumas questões em torno do fazer musical e sua problematização frente aos processos sociais que fazem engendrar novas sonoridades contemporâneas e outras polifonias sociais.

O primeiro artigo que abre este número é de autoria de **Manoel Dourado Bastos**. Em *Repertórios em luta: Hanns Eisler, os corais de trabalhadores e o agitprop*



em *finis da República de Weimar*, o autor demonstra como a obra do compositor Hanns Eisler é realçada ao se reconhecer o caráter singular de sua contribuição para a articulação entre estética e política no campo musical. Segundo Bastos, a atuação de Eisler junto aos corais de trabalhadores tornou possível a organização de um modelo compositivo e interpretativo derivado das experiências de agitação e propaganda oriundas da URSS.

Fernando Kozu, a partir de uma extensa revisão crítica, perfaz uma bibliografia em torno daquilo que ele denomina de “paradigma da complexidade” na música. Segundo o autor, é necessário contextualizar historicamente a relevância do paradigma da complexidade na música de vanguarda do século XX, pois há uma correlação entre as fases do modernismo e da evolução da complexidade. Entre outras referências em questão, está o estudo pormenorizado do conceito de complexidade, em especial na música de Brian Ferneyhough, ilustrando como o processo de criação musical está em sintonia com o pensamento científico, filosófico e sociológico da contemporaneidade.

No terceiro artigo dessa coletânea, **Fátima Carneiro** com *A escuta da cidade/paisagem sonora: um exercício poético*, demonstra que frente uma realidade que se apresenta mais industrial e tecnológica ao longo dos últimos séculos, uma nova configuração sonora se revela, com importantes consequências para a música. Devido a um ‘novo’ mundo de sons, ruídos e silêncios, outras atitudes de escuta se constituem, lançando compositores e ouvintes em encontros inusitados e tornando possível o desvelamento de novos procedimentos e poéticas composicionais, dentre elas a *soundscape composition*.

O artigo seguinte, intitulado *A World Music e seus “outros” marginais: pensamento musical e história a partir da canção “Ciudad de la Plata de Fernando Cabrera*. De autoria de **Ernesto Donas**, o texto apresenta como o debate acerca do significado e impacto da “world music”, tem trazido – inclusive na etnomusicologia – questionamentos sobre os procesos de apropriação complexos, relações neocoloniais e neoestéticas globalizadas, ainda que centrado no repertório musical da “world music”.

Abrindo uma segunda parte do dossiê, com temas relacionados à produção musical no Brasil, o artigo de **André Egg**, intitulado *Modernismo musical e colaboração internacional na Política de Boa Vizinhança*, discute as relações entre os modernismos musicais brasileiro e norte-americano durante as décadas de 1930 e 1940, especialmente no âmbito da Política de Boa Vizinhança implantada pelo Governo



Roosevelt. Na colaboração entre Brasil e Estados Unidos se desenrolaram diversas oportunidades que ajudaram a incrementar as carreiras profissionais de personalidades como Aaron Copland, Charles Seeger, Carleton Sprague Smith, Camargo Guarnieri, Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, além de outros intelectuais cuja participação é mencionada de passagem neste trabalho, como Érico Veríssimo, Mário de Andrade, Heitor Villa-Lobos e Francisco Mignone.

Silvano Baia, com o artigo *O ensaio acadêmico sobre música popular nos anos 1970: quatro textos seminais* analisa como na década de 1970 surge no Brasil um ensaísmo em torno da Música Popular Brasileira (MPB), permeada de um caráter muito mais analítico e reflexivo, em contraste com os textos do período anterior, que estavam motivados pelo objetivo de incidir nos rumos dos acontecimentos. Segundo Baia, a influência desse debate foi significativa na construção de um pensamento sobre música popular.

Com uma entrevista realizada com André Midani, **Mariana Barreto** traz a público algumas questões abordadas com aquele que foi diretor das maiores companhias de discos transnacionais que atuaram no mercado brasileiro por mais de 30 anos. Sua trajetória dentro destas empresas coincide com a formação e consolidação de um mercado de produção e consumo de música popular no Brasil.

Encerrando este dossiê sobre música e sociedade, o ensaio de **Rodrigo Czajka** intitulado *Por uma sociologia da música em Theodor Adorno* levanta algumas questões em torno da sociologia da música, sobretudo a partir da obra *Introdução à sociologia da música*, de autoria de Theodor Adorno. Algumas questões são tornadas centrais na análise como, por exemplo, a relação entre música/mercado/ideologia, o que aponta para algumas revisões no pensamento adorniano, em especial no que diz respeito às produções culturais e musicais de caráter popular e de massa.

Por fim, tratar da relação música e sociedade não é uma das tarefas mais simples, afinal, muitas outras abordagens, objetos e metodologias poderiam ainda compor esse dossiê. Contudo, esperamos que com essa contribuição o leitor tenha, ainda que de forma sintética – como o movimento de um pequeno concerto – alguns esquemas explicativos a partir dos quais se possa empreender um caminho no sentido do aprofundamento dos temas aqui abordados. A todos uma boa leitura.

Rodrigo Czajka



Departamento de Sociologia e Antropologia (UNESP/Marília)
Organizador do Dossiê

Colaborou na organização do dossiê Música e Sociedade:

André Siqueira
Departamento de Música (UEL)